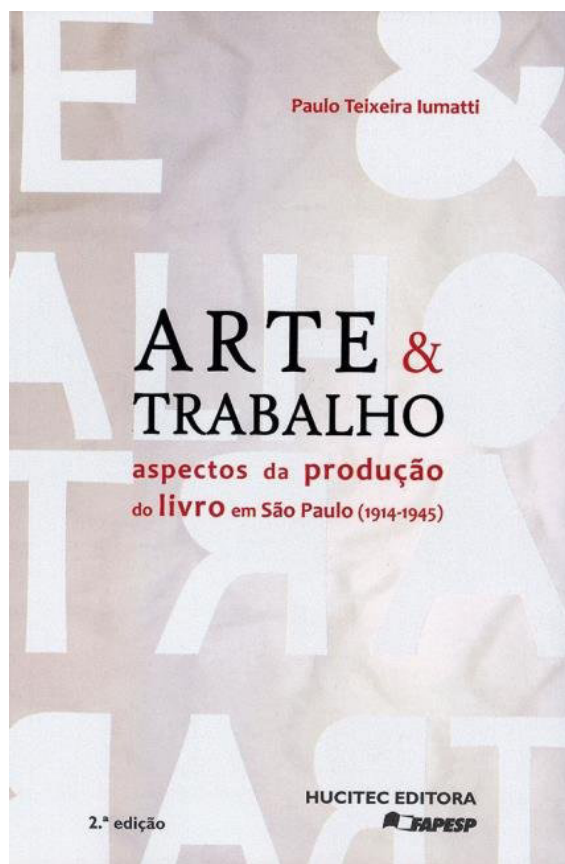


Dos artesãos aos operários do livro: a indústria gráfica e a atividade editorial paulistana no entreguerras



Hugo Quinta

Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Assis). Bolsista da Fapesp. hugocarvalhoquinta@gmail.com

Dos artesãos aos operários do livro: a indústria gráfica e a atividade editorial paulistana no entreguerras

From craftsmen to book workers: the printing industry and the publishing activity in São Paulo in the interwar period

Hugo Quinta

IUMATTI, Paulo Teixeira. *Arte & trabalho: aspectos da produção do livro em São Paulo (1914-1945)*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2016, 272 p.



A obra *Arte & trabalho* é resultado de uma longa caminhada levada a cabo pelo historiador Paulo Teixeira Iumatti. O autor iniciou o seu percurso em 1993, a partir do recebimento de uma bolsa de iniciação científica, circunstância oportuna para investigar os arquivos da Editora Brasiliense e da Biblioteca do Senai de São Paulo, e, em 1994, pesquisar no Arquivo Edgard Leuenroth, abrigado na Unicamp. Em 1998, ele aprofundou suas investigações em torno da história dos operários gráficos durante o período em que estudou na State University of New York, e retomou o trabalho em 2006, momento em que se dedicou a refletir sobre os aspectos formais dos livros, ao vasculhar o acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato e da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. As duas décadas transpostas até a publicação do livro não desmerecem a atualidade e a relevância de um estudo que procura escarafunchar o fazer gráfico e editorial da cidade de São Paulo da primeira metade do século do XX, quando se consolidou a profissionalização da atividade editorial no Brasil.

A meta do autor é compreender como ocorreu o processo de produção do livro na capital paulistana entre 1914 e 1945, empenhando-se em cotejar determinados aspectos do domínio editorial, como os projetos delineados pelos editores da Brasiliense e suas respectivas inclinações sociais, culturais, ideológicas e políticas, e os fatores que dizem respeito à materialidade do livro como registro a condensar um conjunto de procedimentos, ofícios, espaços, maquinários, insumos e formatos. O historiador indica que a avaliação da natureza material dos livros envolve perquirir as causas específicas desses fatores, as motivações dos indivíduos que intermediaram a sua produção e a consistência de um plano editorial no tocante à publicação de coleções, motivo pelo qual ele se aprofunda nas idiossincrasias que rodeiam as negociações e a elaboração de coleções de livros. Além desses aspectos, Paulo Teixeira Iumatti procura avaliar como tal processo se dá no Brasil, em uma sociedade heterogênea, divergente, contraposta, onde as tensões e os esforços de cooperação interpelam a dinâmica desse tipo de trabalho. Para cumprir a meta proposta, o autor percorre os universos do trabalho e editorial; o primeiro, mediante uma análise que demonstra a importância dos operários gráficos para a indústria e a história gráfica, o segundo, através de um exame que manifeste o modo como a história editorial está imbricada com a história da indústria e dos trabalhadores do setor gráfico de São Paulo da primeira metade do século XX. Para tanto, vale-se de depoimentos, documentos e memórias, o que lhe permite ir mais

fundo na análise do projeto editorial, da matéria e da forma das coleções de livros editadas pela Brasiliense entre 1944 e 1947.

O processo de urbanização da capital paulista, aliado à conjuntura econômica e social das gráficas nela instaladas favoreceram os investimentos e a expansão da indústria tipográfica paulistana, que se tornou a maior e mais prestigiosa do Brasil no interregno de 1914 a 1945. A relação entre o crescimento da cidade e as transformações da indústria impressora, do mercado editorial, das condições de trabalho dos operários gráficos e das sociabilidades entre os intelectuais e a indústria gráfica são os pontos abordados no primeiro (e mais longo) capítulo, “O mundo das gráficas e a vida urbana e cultural de São Paulo (1914-1945)”. O crescimento populacional foi um dos fatores que provocaram a evolução da indústria gráfica e a urbanização da capital. Além disso, no início do século XX houve uma constante importação de maquinário proveniente da Europa e dos Estados Unidos. Um caso paradigmático registrado durante os anos 20, influenciando a evolução da indústria impressora, foi a importação dos primeiros monotipos para São Paulo por meio da gráfica-editora Monteiro Lobato & Cia. Essa mesma década também assistiu ao afastamento das gráficas – de grande e médio porte – do centro de São Paulo, com a finalidade de ampliar suas dependências e racionalizar o uso dos espaços, enquanto as congêneres de pequeno porte se estabeleciam nos bairros periféricos.

A crise de 1929 promoveu a queda do ritmo de crescimento da indústria gráfica associado ao aumento dos custos dos insumos e dos transportes. De 1932 em diante houve um novo crescimento da produção de livros e da indústria brasileira na medida em que as diretrizes econômicas traçadas pelo governo Vargas revigoraram o setor gráfico: a impressão de livros apresentou, então, uma taxa de elevação de 600% entre 1930 e 1937 (p. 40). Uma das maiores expressões desse desenvolvimento econômico foi a gráfica de propriedade do empresário Nelson de Palma de Travassos, a Revista dos Tribunais (doravante designada RT), que conquistou primazia no mercado editorial, por ser responsável por 60% das impressões de livros no Brasil durante as décadas de 30 e 40. Nessas circunstâncias, o Estado foi o grande indutor da indústria editorial devido aos investimentos no setor educacional mediante a compra de livros didáticos, a ampliação dos canais de distribuição e a constituição de um mercado nacional. As ações do poder público expandiram o setor gráfico, alavancaram a capacitação técnica das gráficas de produção didática e impulsionaram a ampliação do público leitor, o que provocou o fortalecimento das editoras e do setor gráfico em face de numerosas medidas que reorganizaram e especializaram o trabalho de edição, promovendo a democratização de acesso à cultura impressa. As estratégias de inovação mercadológica para a venda de livros, a alteração na fisionomia gráfica dos impressos e o “empenho das principais editoras em verticalizar o processo produtivo e diversificar suas atividades”¹ criaram setores específicos para cuidar da revisão, tradução, ilustração e daí para mais. Nesse contexto, Iumatti se debruça sobre os fatores que identificam São Paulo como o maior parque gráfico do país, desde o melhor aparelhamento tecnológico, passando pelos operários gráficos bem situados no interior das diversas indústrias, até a participação dos imigrantes, a existência de um circuito cultural clandestino e a recorrente exploração do trabalho infantil.

Ainda no primeiro capítulo, o historiador discorre sobre as diversas figuras mediadoras, o ritmo de produção de livros e a formação da iden-

¹ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 148.

² Ver SORÁ, Gustavo. *Brasília: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2010.

tidade dos operários. Ele traz à baila personagens (escritores, editores e gráficos) que se relacionaram com a vida intelectual e com o operariado da indústria gráfica. Monteiro Lobato foi uma figura mediadora central (p. 54-56) porque influenciou gerações de editores, realizou a renovação do projeto gráfico dos livros e contratou profissionais como Natal Diauto, gráfico desde a infância, que revolucionou a aparência física das obras impressas. Outro aspecto significativo teve a ver com o crescimento do meio cultural paulista da primeira metade do XX. Ampliaram-se os espaços propícios à formação de trabalhadores gráficos, como, por exemplo, a União dos Trabalhadores Gráficos e o Liceu de Artes e Ofícios. Santa Rosa, produtor gráfico de José Olympio² (editor que se relacionou com o ambiente paulista e imprimiu seus livros na RT), foi mais um personagem mediador que contribuiu a renovação na concepção gráfica dos livros nesse período. Em meio a isso, a identidade dos operários gráficos foi construída sobre uma multiplicidade de valores: os que sugerem uma noção de senso comum de arte, os ligados ao sentido de “técnica”, de trabalho bem-feito, bem-acabado, os ideais anarquistas (e de outras correntes ideológicas), o trabalho dos operários gráficos com a palavra escrita, a gravura e a pintura viabilizadas pela indústria impressora. Mas aí configurou-se simultaneamente um cenário de maior mecanização e baixos salários, o que desaguou em lutas por melhores condições de trabalho e no aumento do número de greves.

No segundo capítulo, “Indústria gráfica, especialização do trabalho e identidades no período da Segunda Guerra Mundial. A negociação da forma livro”, Iumatti orienta sua análise com o escopo de destrinchar os conflitos decorrentes do processo de mecanização e especialização da indústria gráfica durante a segunda grande guerra, a identidade dos operários gráficos, o encarecimento do papel e o posicionamento da RT. Nessa conjuntura, o Estado Novo interveio intensamente na economia, bloqueou as importações de livros e viabilizou a expansão do mercado editorial brasileiro, a ponto de a indústria gráfica paulistana ser responsável por imprimir e editar 70% da produção anual brasileira de livros em 1942 (p. 93). Editoras de outros estados passaram a contratar os serviços das gráficas de São Paulo, que praticaram preços acessíveis e dispuseram de melhor qualidade técnica. A complexidade e a ascensão da indústria impressora durante a primeira metade do século XX permitiu o atendimento ao mercado interno e a formação de um operário especializado, majoritariamente formado nas gráficas, que logrou um patamar técnico e profissional considerável. Iumatti apresenta algumas particularidades que comprovam as alterações na estrutura ocupacional no setor, como a constante substituição dos trabalhadores estrangeiros empregados, os conflitos entre os diferentes níveis hierárquicos dos gráficos – também resultados das novas posições no mercado editorial – e a criação da Escola de Artes Gráficas do Senai em 1945, que expandiu o horizonte de formação desse segmento do operariado.

A despeito do fortalecimento da indústria gráfica e do relativo estímulo à especialização dos trabalhadores, os conflitos persistiram devido às indignas condições de trabalho acarretadas por uma alta carga laboral diária e ao empresariado que burlou as leis trabalhistas no transcurso do Estado Novo, empregando, por exemplo, a mão de obra infantil. Paralelamente, o crescimento da burocracia estatal e do sistema de ensino dos anos 1930 e 1940 favoreceu grandes editoras a consolidarem um parque gráfico de

dimensão industrial. A RT, em particular, se firmou como a maior gráfica do país por haver impresso a maior parte da produção editorial brasileira³, incluindo os livros oficiais editados durante o Estado Novo, o que significou um dos instrumentos de controle da produção intelectual durante a ditadura varguista. Nesse cenário, Iumatti descreve os vários desafios para produzir um livro, tanto do ponto de vista dos projetos editoriais como do trabalho das gráficas e dos insumos necessários para compor a feição material das obras, como é o caso do papel, mercadoria cara e escassa no Brasil, embora São Paulo tenha abrigado metade das fábricas brasileiras de papel durante esses anos.

Mas Paulo Teixeira Iumatti foi além de uma análise do operariado e da indústria impressora paulista. Ele agregou à sua abordagem fatores políticos, sociais e culturais, atendo-se ainda à vida artística e intelectual da época por intermédio de um conjunto preciso de grupos e pessoas que transitavam no entorno da Brasiliense, na esteira da relação muito próxima de Caio Pardo Jr. com esses atores e a relevância desse historiador para a existência da editora. Diante dessas circunstâncias, o alvo do terceiro capítulo, “Produzindo para o mercado: a questão do engajamento na vida artística e intelectual na Segunda Guerra Mundial e a constituição da Editora Brasiliense”, é perquirir os meandros dessa relação.

Os anos da guerra assinalaram igualmente o engajamento de alguns artistas e intelectuais que contribuíram com o início da Brasiliense no que diz respeito às ilustrações, às mudanças de paradigma na percepção do livro nos aspectos gráficos e industriais, à militância política, à problematização do país e à postura artística, fatores que interferiram na aparência gráfica⁴ e nas escolhas das publicações da editora. Iumatti seleciona os primeiros anos da Brasiliense e uma de suas propostas prioritárias, isto é, o envolvimento com uma arte que potencializasse as temáticas sociais. O autor demonstra a forma como se verificou a convergência entre os comunistas e as artes durante os anos 30, explicitando a participação de artistas plásticos na imprensa e na atividade editorial. E, também, evidencia a constituição do Grupo Santa Helena, pintores que procuraram retratar a paisagem suburbana paulistana e encantaram os editores com suas pinturas engajadas e de cunho social. Nessa moldura, o historiador examina de que forma o capital de relações sociais e familiares de Caio Prado Jr. posicionou a Brasiliense na vida política e cultural de São de Paulo e abriu caminho para a sua produção editorial e gráfica, como as obras completas de Monteiro Lobato.

No derradeiro capítulo, “Os aspectos material e gráfico dos livros”, Iumatti percorre as marcas gráficas e materiais dos livros publicados pela Brasiliense no desenlace da II Guerra Mundial, bem como a maneira como os projetos editoriais, as artes, a qualidade do papel utilizado, as intervenções da indústria gráfica, as figuras mediadoras e o arcabouço de conhecimento editorial e gráfico interagiram para configurar a materialidade do livro como um labor coletivo em uma determinada conjuntura social, política, econômica e cultural. Em face da inexistência dos catálogos da Brasiliense, Iumatti opta por criar os critérios de classificação – concebidos através das correspondências, das propagandas, das apresentações da editora e de informações sobre as tiragens e venda – a fim de ajudá-lo a compreender as características gráficas e materiais das obras, no que se refere às capas (identidade visual, identificação dos ilustradores, impressão, papel), aos miolos (formatos, fontes, diagramação, ilustrações, impressão,

³ Ver HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2012.

⁴ Ver CARDOSO, Rafael (org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

papel) e às questões que sinalizam a relação da Brasiliense com a Editora Nacional e a RT.

No encerramento de *Arte & trabalho*, é realizada uma análise interna de algumas publicações, levando em consideração as intenções dos editores, o projeto de publicar toda a produção de Lobato, as obras da Sra. Leandro Dupré, e as coleções do prelúdio da Brasiliense: “Problemas Brasileiros”, “Grandes Estudos Brasilienses”, “Diversos”, “Coleção Ontem e Hoje”, “A Conquista da Terra” e “A Marcha do Tempo”. Os formatos, a linguagem comercial e as análises microscópicas do papel (porcentagem de pasta química e mecânica) utilizado na capa e no miolo dos livros reforçam a conclusão de que a editora promoveu investimentos vultosos em diversos casos. Nesse sentido, o historiador discorre sobre uma série de ilustradores e estratégias que comprovam o esmero de determinadas produções, os princípios que guiaram a materialidade dos livros entre 1930 e 1950, a criação da Livraria Monteiro Lobato, em 1946, e a fundação da gráfica Urupês em 1950.

A potência e o significado do trabalho de Paulo Teixeira Iumatti estão na sua capacidade de mapear e destrinchar as particularidades da produção de livros na São Paulo da primeira metade do século XX. Sua investigação é esclarecedora quanto à dimensão da arte e do trabalho na concepção, materialidade, confecção e circulação dos livros, do entranhado jogo de relações, negociações e profissionais que participaram e influíram nos diversos segmentos de uma indústria progressivamente mecanizada e especializada. O autor investiga não só os conflitos sociais deflagrados entre gráficos, editores e empresários, como as demandas do mercado, as tomadas de posições no mundo político e intelectual e as vicissitudes materiais que caracterizaram o crescimento da produção de livros. Além disso, o historiador tem o mérito de enveredar por um campo de investigação inspirado pela História Social, partindo do princípio da falta de estudos sobre a história dos saberes gráficos e a participação dos operários e dos artesãos dos livros na vida intelectual e no mercado editorial brasileiro.

Apesar de Iumatti não se preocupar em relacionar sua investigação à contemporaneidade, sua obra pode colaborar com estudos mais gerais e/ou atuais sobre o livro brasileiro, que vivencia uma incessante modificação na materialidade, nos suportes e na realidade dos trabalhadores ligados ao processo de produção e concepção de livros físicos e digitais. As pontes para tanto ficam por conta dos leitores e dos pesquisadores antenados com os novos tempos.

Resenha recebida e aprovada em dezembro de 2018.